

# Número de adolescentes grávidas cresce no Estado

Kátia Fraga

O crescente número de adolescentes grávidas no país é fato assustador para médicos, psicólogos, assistentes sociais e pais. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que o número de meninas-mães no Brasil era de 430.309. Só no Espírito Santo, de um total de 54.389 registros de crianças nascidas vivas, 89.609 eram filhos de jovens menores de 19 anos. Sem uma política sócio-educacional coerente e capaz de reverter o quadro, os governos federal e estadual adotam programas de apoio capengas e sustentadores de um sistema caótico.

Na maternidade Promatre, em Vitória, por exemplo, o registro das últimas internações comprovam que 40% de parturientes atendidas são jovens com idade inferior aos 20 anos. Em 1988, uma pesquisa realizada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) já revelava que 25% de mulheres grávidas na Bahia tinham menos de 19 anos e 75% delas eram mães solteiras que não contavam com apoio do pai da criança. Neste mesmo ano, outra pesquisa feita com mulheres da maior favela do Rio de Janeiro, a Rocinha, dava conta de que mais da metade das mulheres entre 20 e 50 anos tinham engravidado pela primeira vez entre 16 e 20 anos.

Os números crescentes são resultantes de uma total falta de política governamental capaz de propiciar informação, planejamento familiar, educação sexual nas escolas, além de condições reais de moradia, saúde, trabalho para uma população penalizada com a crise sócio-econômica do país. Enquanto medidas efetivas não forem adotadas o quadro tende a se agravar ainda mais. O juiz da Infância e da Adolescência do Estado, Moacir Rodrigues, admite que o juizado não tem como evitar que os casos de gravi-

nhcimento do juizado e estas mães-meninas são encaminhadas para a Unidade de Atendimento Provisório (Unap), em Cariacica. Já o secretário de Estado do Trabalho e da Ação Social, Renato Soares, pretende amenizar a situação com implantação de programas. Proteger, acompanhar e garantir uma gestação sadia e condições de sobrevivência às jovens mães, fazem parte de seus projetos, assim como uma campanha educativa voltada para a sociedade em geral, e a integração do adolescente no processo educacional.

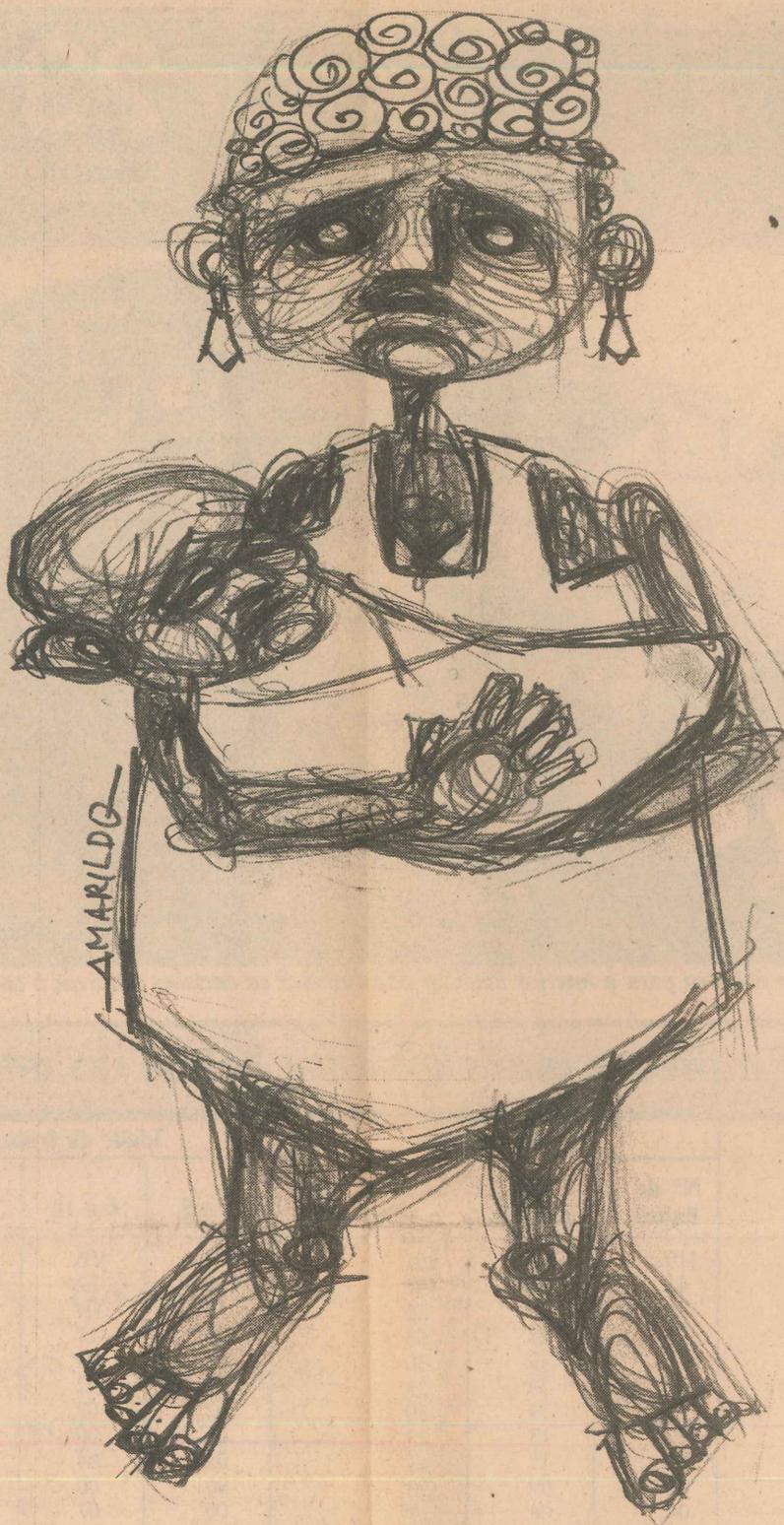
## Menores nas ruas

“A primeira idéia é tentar resgatar tudo aquilo que a sociedade negou a estes jovens, como o direito à escola, à habitação e de ser efetivamente um ser humano. Não pretendemos tratar o menor com segregação ou confinamento e sim com respeito e vontade de reconquistá-lo”, enfatizou o secretário. Mas enquanto as intenções não se concretizam, o número de menores de rua cresce assustadoramente. Somente no ano passado 2.462 menores, entre abandonados, delinquentes e até bebês sem lar, deram entrada no Serviço de Triagem do Iesbem. Nos três primeiros meses deste ano, o registro é de 925 crianças e adolescentes, entre novatos e reincidentes.

Embora o Instituto Estadual de Bem-Estar do Menor (Iesbem) — órgão governamental responsável pela política de atendimento à criança e ao adolescente — disponha de uma série de programas com a finalidade a que se propõe, o aumento de menores nas ruas ainda é alarmante. Para se ter uma idéia da situação, dos 2.462 atendimentos no Serviço de Triagem, 1.740 eram de menores reincidentes, ou seja, aqueles que retornam às ruas. Na tentativa de fazer com que as crianças permaneçam em suas comunidades, entidades como a Pastoral do Menor da Arquidiocese de Vitória desenvolvem trabalhos preventivos nos bairros.

rua, conforme explica Carlita Cozendey da Silva, da equipe de coordenação. A Assistente Social do Serviço de Triagem do Iesbem, Aurelina Neto de Jesus, explica que nas unidades do órgão como Unap, Centro de Integração Profissional (Cip), Unidade de Integração Social, entre outros, também existe um trabalho educativo envolvendo carinho e atenção.

nia Médice, a crise generalizada existente faz parte de um país que optou por um desenvolvimento industrial, sem atentar para o lado social. “O político Delfin Neto, por exemplo, tinha o discurso de fazer o bolo crescer primeiro e depois dividi-lo. Mas o que se observa é que a divisão até hoje não aconteceu e o conflito social cresceu de forma assustadora”, co-



## Casos de estupros preocupam

O número de casos de estupro envolvendo adolescentes também é alarmante, mas a Justiça, na maioria das vezes, não tem como intervir porque o fato não é denunciado. Segundo o titular da Delegacia da Mulher de Vitória, Dora Maria Hadad Fafá, as pessoas ainda temem represálias caso registrem queixa. Muitos casos que acontecem tanto em classes baixas quanto nas mais favorecidas são ocultados também por se tratar de incesto.

A delegada informou que só tomou conhecimento de quatro casos de estupro este ano, mas sabe que o número é alarmante. Um deles é de uma menina de 15 anos que vinha sendo forçada a manter relações sexuais com o pai desde os 13 anos de idade. O fato só foi denunciado à Polícia depois que ameaçou a menina e a mulher de morte, assim que a jovem decidiu sair de casa para trabalhar como doméstica. O jornal A GAZETA noticiou, no último dia 8, a prisão de um pedreiro acusado por sua mulher de ter estuprado a filha de 9 anos. Na delegacia, ele confessou ter estuprado também as outras filhas de 14 e 3 anos.

### Quadro dramático

Em novembro do ano

passado outro fato foi levado a público. Foi o caso do lavrador João de Souza, 39 anos, acusado de estupro e de ter engravidado a filha de 15 anos. A menina V.S. teve dois filhos — o primeiro morreu dois meses depois do nascimento e outro vivia normalmente com a família. A menina contou que foi violentada aos 13 anos pelo pai num matagal do interior de Goiás, onde moravam na ocasião. Em julho do mesmo ano, a menor C.A.B., 16 anos, denunciou o pai, o caseiro Claudionor Bomjardim da Silva, 35 anos, de tê-la espancado porque ela se recusou a manter relações sexuais com ele. A adolescente, que morava em Jacaraípe, na Serra, contou à delegada que um ano antes, o pai a havia estuprado e ela vinha sendo “usada” por ele.

Já a menor V.L.B., 14 anos, violentada pelo pai Valdir Lopes de Oliveira, de quem engravidou, só resolveu contar o fato depois de ter dado à luz a criança. Por causa de possíveis ameaças, ela acusou o namorado de tê-la engravidado, mas com o apoio do tio José Joaquim Viana, decidiu contar tudo à Polícia. Esses são alguns casos que ilustram um quadro dramático vivenciado por milhares de crianças e adolescentes do país.

## Método pede orientação médica

O ginecologista Remegildo Gava Milanez adverte para os métodos anticoncepcionais como a pílula, a tabelinha, o método de barreira (camisinha e diafragma) e o Dispositivo Intra Uterino (D.I.U.). Mas para qualquer opção, é indispensável a orientação médica. A pílula anticoncepcional, explica,

tenha qualquer contra-indicação, também é falho. Já o D.I.U., é o método mais eficaz “porém pode levar a uma infecção provocando a perda da função reprodutora, principalmente em pessoas com maior número de parceiros”. O especialista arriscou uma opinião mesmo sabendo que pod-

Estado, Moacir Rodrigues, admite que o juizado não tem como evitar que os casos de gravidez na adolescência ocorram, o que caberia a instituições governamentais.

Segundo o juiz Moacir Rodrigues, apenas 10 casos de menores grávidas chegam ao co-

cese de Vitória desenvolvem trabalhos preventivos nos bairros.

A Pastoral atende atualmente 600 crianças e adolescentes, desenvolvendo trabalhos artesanais, entre outros, com o objetivo de evitar que seja perdido o vínculo com a comunidade e a família e que eles se tornem meninos e meninas de

gração Social, entre outros, também existe um trabalho educativo envolvendo carinho e atenção. "Mas o que acontece é a amenização de um conflito que começa dentro da família desamparada, sem condições mínimas de estrutura".

Para a psicóloga Raquel Virgí-

cia a prática sexual mais cedo. "Não há divisórias até hoje não aconteceu e o conflito social cresceu de forma assustadora", comenta a diretora do Conselho Regional de Medicina do Estado. Ela acredita que a partir do momento em que o Governo criar mecanismos para sanar a problemática a sociedade vai responder de imediato.

Mas para qualquer opção, é indispensável a orientação médica. A pílula anticoncepcional, explica, possui estrogênio que segundo alguns autores pode atrapalhar o crescimento ósseo, por exemplo. Já a tabelinha, segundo o médico, é um método falho em 40%, e na adolescência é mais arriscado porque o ciclo menstrual é irregular. O método da barreira, embora não

principalmente em pessoas com maior número de parceiros". O especialista arriscou uma opinião mesmo sabendo que pode ser taxado de conservador: "O ideal seria evitar a prática sexual antes da maturação sexual, ou seja, até pelo menos 17 anos. Caso não seja possível, a adolescente deve procurar um médico para optar por um método".

## Para os especialistas, sérios riscos

O elevado número de meninas-mães é fator preocupante para especialistas que apontam uma série de riscos provocados pela gravidez prematura. O ginecologista, obstetra e diretor clínico da maternidade Promatre, Remegildo Gava Milanez, explica que os problemas relacionados à ossatura da bacia e a distúrbios hormonais, por exemplo, começam pela inadaptação do organismo ao processo de gestação, mesmo com a capacidade da jovem de conceber a criança.

O especialista esclarece que antes do fim da adolescência os estrogênios (hormônios sexuais femininos) não terminam o processo de maturação de alguns órgãos, principalmente os sexuais, o que possibilita várias complicações. A pele da adolescente, alerta, não tem elasticidade normal pela não maturação pelo estrogênio, acarretando um maior índice de queda de mamas, de estrias e relaxamento dos órgãos genitais femininos, o que pode, inclusive, acarretar prejuízos para futuras gestações.

"O útero depende do hormônio para obter consistência e uma gravidez antes disso tornará o órgão flácido, podendo acarretar futuros abortos", assinala o médico. Ele afirma ainda que o índice de cesarianas na adolescência é maior porque a bacia óssea, a musculatura abdominal e perineal não estão completamente maduras para servirem como canal de parto. Na adolescência o índice de partos prematuros — que podem ser desencadeados por um estresse intenso, entre outros fatores — também é elevado.

### Complicação

A gravidez precoce propi-

cia o surgimento de outras complicações como hemorragias, hipertensão da gravidez (pré-eclâmpsia), anemias e infecções de acordo com Milanez. Mas os especialistas enfrentam problema também na condução da gestação. O diretor clínico da Promatre conta que na maioria das vezes a adolescente só procura um médico para confirmar o diagnóstico quando a gravidez está evoluída — no 3º ou 4º mês de gestação, o que impossibilita o acompanhamento desde o início.

A dificuldade de conscientizar a paciente da importância de fazer os exames solicitados, além de medicamentos tipo vitaminas, é outro fator que emperra o tratamento, sem contar com a rejeição à criança e o desejo de abortar em alguns casos. Milanez alerta para a necessidade do acompanhamento médico na gravidez, quando sintomas como enjôo são comuns e o vômito pode levar à desidratação e à desnutrição, necessitando até de internamento. O médico demonstra preocupação também com meninas-mães de baixa renda porque, mesmo aceitando o filho que estão gerando, elas não têm condições financeiras para uma boa alimentação, e sequer para o transporte ao hospital e centros de saúde para consulta médica ou recebimento de medicamentos fornecidos pelo Governo.

Muitas adolescentes evitam o pré-natal, o que é indispensável para evitar maiores complicações na gravidez e no parto. Em estudo feito recentemente, a psicóloga Raquel Virgínia Médice constatou que 6 mil mulheres morrem por ano no Brasil por não terem acompanhamento pré-natal, segundo

estatística do Ministério da Saúde. Ela atribuiu este quadro à "condição de subdesenvolvimento do país", onde as gestantes de um modo geral não têm acesso a informações. "Deveria haver um maior esclarecimento sem moralismos ou padrões predeterminados", acrescentou.

### Estrutura abalada

Através do contato com jovens mães no centro de saúde ou em seu consultório particular, a psicóloga e psicanalista Raquel Virgínia Médice observa que a gravidez sempre mexe com a estrutura de cada uma. São comuns as frases: "O que eu vou fazer com esse filho?" ou "E o que eu faço agora?" Em todos os atendimentos que fez, as adolescentes não são casadas e o parceiro não assume a paternidade da criança, levando um maior peso de responsabilidade à mãe. Ela explica que há sempre uma experiência dolorosa tanto para a adolescente que assume a gravidez quanto para a que opta por um aborto — mais comum na classe média pelo moralismo do que em classes menos favorecidas pela religiosidade arraigada.

Para Raquel Virgínia Médice, as transformações psíquicas vão depender muito de cada pessoa, levando-se em conta que cada ser é único e não se podem listar os sintomas que existem ou não em torno de uma gravidez precoce. Ela menciona, entretanto, que o ato de conceber uma criança pode gerar uma psicose puerperal, — como delírios e alucinações, por exemplo, ou efeitos dos mais saudáveis.

É consenso entre especialistas que a adolescente de rua ini-

cia a prática sexual mais cedo. "Não há divisórias nas ruas, onde as crianças aprendem a sobreviver cedo e absorvem o que vêem. Já na tradição da família existe um certo impedimento", avalia a psicóloga Raquel Virgínia Médice ao mencionar que a norma que rege a classe burguesa não é a mesma das classes menos favorecidas economicamente. "A criança recebe impressões e fantasias em cima do que vê ou sente", complementa.

Para a assistente social Aurelina Neto de Jesus, o sexo entre meninos e meninas de rua é "uma coisa instintiva, natural". "Eles falam de sexo da mesma forma que comentam sobre comida ou outros assuntos", assinala. Ela acredita que o sexo pode ser uma válvula de escape pela falta de afetividade em casa, onde os pais praticam relações sexuais na frente das crianças por morarem em barracos de um ou dois cômodos. Já Carlita Cozendey da Silva, da Pastoral do Menor, avalia pela sua experiência que jovens da classe média, teoricamente, têm maior informação e a possibilidade de ver a sexualidade sob um prisma diferente, ou seja, relação/afeto, enquanto uma outra parcela de crianças descobre o sexo na rua, seguindo o instinto animal "sem maldade e puramente instintiva".

Da mesma forma a gravidez é mais natural para as adolescentes de rua, acreditam Aurelina e Carlita. Sem sombra de dúvidas, a surpresa e o choque inicial de estar gerando uma criança assusta todas as meninas, mas a aceitação do estado também chega mais facilmente nas adolescentes de rua que convivem com as mais variadas situações.

## Responsabilidade começa cedo

Desinformação? Falta de uma educação ou orientação sexual? Qualquer que seja o motivo, o caminho a ser traçado por milhares de jovens que engravidam antes dos 19 anos não é fácil. Mesmo aquelas que contam com o apoio dos pais — em casos raros — enfrentam mudanças radicais e preconceitos dos mais variados. A ingenuidade e o descompromisso inerentes à adolescência são substituídos pela responsabilidade de ser uma mãe-menina. Fantasias e projetos de vida dão espaço para um compromisso maior: a maternidade.

Sinal fechado. Lá vem "Ana Raio", como prefere ser chamada a menina de 13 anos que gera uma outra criança mas não deixa de fantasiar os artistas da televisão. Desconfiada, ela comenta que ficou grávida do namorado de 15 anos "por amor", mesmo sabendo não ter condições para sustentar um filho. "A gente se vira. Aqui na rua se aprende a sobreviver logo", diz taxativa e singela. Sem mencionar seu local de origem ou história de vida ela pede um trocado "para o leite da criança" e vai embora num piscar de olhos.

Mas a gravidez precoce não acontece somente em meninas de rua. I.T.P., 15 anos, por exemplo, deu à luz uma menina saudável no dia 15 de fevereiro. Ela conta que a gravidez lhe trouxe complicações como uma hipertrofia mamária e, por isso, permanece no Hospital das Clínicas para se submeter a uma cirurgia plástica. O parto normal, disse, foi doloroso, mas durante a gestação ela tirou de letra as dores causadas pelo preconceito de familiares e "conhecidos" de Ecoporanga, interior do Estado — onde reside. Ela conta que "se perdeu" com o namorado de 18 anos mas achava que não ia engravidar porque as relações sexuais não eram frequentes. I.T.P. disse não

estar arrepedida de ter assumido a criança já que teve total apoio dos pais e do namorado, com quem não pensa em se casar. Mas os seus planos de estudo e de ter uma profissão definida foram abdicados em função da maternidade.

O "achismo" também pegou F.S.B., 18 anos, de surpresa. "Eu transava com meu namorado há 7 meses e não achava que poderia engravidar", relatou ao mencionar que não tomava anticoncepcionais "por fazer mal à saúde". Depois de fazer exame e constatar que estava grávida de mais de 4 meses a sensação foi de "um choque". "Meus pais ficaram espantados porque sou filha única e, a princípio, queria que eu me casasse, mas fiz com que eles entendessem que isso não fazia parte do meu projeto de vida", descreve.

Mãe de uma linda "gatinha", F.S.B., que mora em Maruípe, se acha um pouco diferente das garotas de sua idade porque já não faz mais os "rocks" habituais da turma. A história de M.L.P., 17 anos, é um pouco diferente, embora tenha enfrentado o preconceito e o nariz torcido de muita gente. Aos 14 anos resolveu sair de casa e morar com um homem desquitado de 30 anos e aos 15 anos deixou o anticoncepcional para ter um filho. Rapidamente observou que o parceiro rejeitava a gravidez por ter uma amante esperando um filho dele. Sabendo disso, os pais da jovem resolveram acolhê-la de novo em casa.

M.L.P. relatou que depois de uma discussão com a mãe da amante de seu parceiro começou a passar mal e uma semana depois teve um parto prematuro, sendo que seu filho veio a falecer com 43 dias. Hoje, algumas vizinhas não deixam suas filhas se relacionarem mais com M.L.P., de Joana D'Arc, mas ela diz tirar "tudo de letra".